

METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO SOCIO LÓGICA



PROBLEMAS E SOLUÇÕES
A PARTIR DE ESTUDOS
EMPÍRICOS

Coordenação
Manuel Lisboa

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO I	11
Metodologias de investigação e construção do campo da Sociologia	
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO II	43
As metodologias de investigação no estudo das desigualdades sociais: conhecimento científico, políticas públicas e cidadania	
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO III	63
Inquéritos sociológicos e construção do campo de observação	
1. AMOSTRAS	67
Construção de amostras estatisticamente representativas	69
<i>Manuel Lisboa</i>	
Amostra por cachos: o caso do inquérito sobre Saúde e Violência Contra as Mulheres, em 2003	76
<i>Manuel Lisboa e Fátima Miguens</i>	
Amostras emparelhadas: o caso do inquérito sobre o Trabalho Infantil em Portugal, a alunos PIEF e do Ensino Regular, em 2007	85
<i>Manuel Lisboa, Fátima Miguens e Joana Malta</i>	
Amostras para observar fenómenos sociais de difícil acesso: o caso do estudo da mutilação genital feminina em Portugal, de 2015.	90
<i>Manuel Lisboa, Rosário Oliveira Martins e Ana Lúcia Teixeira</i>	
2. QUESTIONÁRIOS	95
Questionários para inquéritos sociológicos	97
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO IV	117
Trabalho de campo e recolha de dados	

Administração indirecta em inquéritos sociológicos: o caso do inquérito sobre a violência e género aplicado nos Açores, em 2008 <i>Manuel Lisboa e Dalila Cerejo</i>	121
Os dados administrativos e a recolha de informação a partir de processos em papel: o caso da violência contra as mulheres detectada nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e Porto, em 2000 <i>Manuel Lisboa, Zélia Barroso e Joana Marteleira</i>	127
Futuros passados, futuro ausente ou um terraço para outra coisa ainda? Um ensaio sobre usos da memória, teoria e métodos <i>Paula Godinho</i>	131
CAPÍTULO V	163
Tratamento e análise dos dados	
Análise dos dados de inquéritos sociológicos: estatísticas univariada, bivariada e multivariada <i>Ana Lúcia Teixeira</i>	167
O tempo e as sazonalidades na investigação sociológica: construção e análise de séries temporais em estudos sociológicos sobre a criminalidade participada à Polícia Judiciária (1984-1993) <i>Manuel Lisboa, Nelson Lourenço</i>	243
Análise de Conteúdo: um caso de aplicação ao estudo dos valores e representações sociais <i>Ana Roque Dantas</i>	261
Metodologia de detecção de <i>Indicadores de Expressão Emocional no contexto da violência conjugal</i> <i>Dalila Cerejo</i>	287
Custos económicos com a saúde resultantes da violência doméstica contra mulheres, em Portugal <i>Pedro Pita Barros, Manuel Lisboa, Dalila Cerejo e Eliana Barrenho</i>	313
CAPÍTULO VI	347
Desafios futuros na investigação sociológica: a análise sistémica da complexidade.	
Para uma análise intersistémica da violência de género <i>Manuel Lisboa</i>	349
ANEXOS (em suporte digital – CD)	

AMOSTRAS PARA OBSERVAR FENÓMENOS SOCIAIS DE DIFÍCIL ACESSO: O CASO DO ESTUDO DA MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA EM PORTUGAL, DE 2015

Manuel Lisboa, Rosário Oliveira Martins e Ana Lúcia Teixeira¹⁰

Alguns fenómenos, pela sua natureza e invisibilidade social, são de observação difícil através de inquéritos sociológicos. Nestes casos, não é expectável que as amostras sejam estatisticamente representativas para uma determinada margem de erro e nível de confiança, mas tão somente que tenham a dimensão suficiente para permitir a realização dos cálculos estatísticos necessários ao estudo do fenómeno em causa, e que as suas características traduzam as dimensões fundamentais do objecto de estudo. Há vários exemplos de amostras deste tipo. Exporemos, em seguida, o caminho percorrido em um estudo pluridisciplinar, dirigido pela equipa da UNL e realizado em 2014-2015, sobre a mutilação genital feminina (MGF) em Portugal, e que consta do respectivo relatório final, cujo texto aqui se reproduz, com alterações.

Na proposta inicial para estudar a MGF a partir de um inquérito, estava prevista a possibilidade de utilizar duas metodologias: a amostragem conduzida pelo entrevistado (*response driven sampling* [RDS]) e a amostra por tempo-local (*time location sampling* [TLS]). Na primeira, são escolhidos participantes-chave (sementes), que são responsáveis pelo recrutamento de novos participantes, expandindo-se, então, a amostra, em ondas de recrutamento, até completar-se a dimensão pretendida. Este método permite eliminar a preocupação com a privacidade dos

¹⁰ Este projecto teve a coordenação científica e metodológica de Manuel Lisboa. O resultado do estudo foi publicado em livro, *Mutilação Genital Feminina em Portugal*, em 2015, pela Editora Húmus, e tem a autoria de: Manuel Lisboa, Dalila Cerejo, Ana Lúcia Teixeira, Alice Frade, Catarina Moreira, Elisabete Brasil, Rosário Oliveira Martins e Gabriela Moita. O projecto contou ainda colaboração de Ricardo Santana, Ana Belinda Teixeira, Alexandra Alves Luís, Cadidjatu Baldé e Tchernobaldé.

participantes, uma vez que estes são recrutados pelos seus pares. A segunda baseia-se no uso de locais e na compreensão de um grupo-alvo, numa perspectiva etnográfica, para além da seleção aleatória de locais-dias-horas. Esta deve ser usada quando é possível a identificação de locais de reunião destas populações, em dias e horários específicos e identificáveis.

A escolha do melhor método de amostragem deve ser efectuada com base nos resultados de uma pesquisa formativa, onde participam os coordenadores das equipas de investigação e representantes da comunidade da população-alvo. Este processo é fundamental para determinar, nomeadamente, se a população-alvo está em rede, o interesse da população em participar no estudo, a necessidade de haver incentivos, o local, dia e hora de recrutamento, as características e número de sementes e os modelos de recrutamento.

Tendo em conta a *avaliação formativa* efectuada, optou-se por, numa primeira fase, privilegiar o método TLS, já que foi possível identificar locais, dias e horários de reunião destas populações, e ainda porque a literatura tem mostrado que a RDS pode não funcionar bem, pela fraca adesão dos respondentes. Ainda que não exista consenso na literatura, é da população-alvo que depende o sucesso da implementação da RDS, ao passo que, na TLS, existe um maior controlo do processo de amostragem por parte da equipa de investigação.

A aplicação da TLS¹¹ implica a criação de um mapa de todos os locais, dias e horas de reunião das populações, constituindo este a base de amostragem, de onde serão seleccionados, aleatoriamente, os respondentes. Ao ser um método de amostragem aleatório por *clusters*, permite, por um lado, uma representatividade do universo, e, por outro lado, uma aproximação a populações de difícil acesso. Por último, não requer a existência de uma base de sondagem dos indivíduos que compõem o universo. Não obstante estas vantagens, exclui todos os elementos da população-alvo que não frequentem esses mesmos locais. Este tipo de amostra requer

11 Para um conhecimento mais aprofundado desta metodologia, ver Raymond, Ick, Grasso, Vaudrey, & McFarland (2007). *Resource Guide: Time Location Sampling (TLS)*. Behavioral Surveillance Unit, San Francisco Department of Public Health, 2nd Edit.

uma dimensão mínima de 500 pessoas, um período de recolha de dados superior a seis meses (e inferior a doze) e, entre outros, a realização de catorze eventos de amostragem por mês.

A *avaliação formativa*, que é o processo de recolha qualitativa de dados necessário ao desenvolvimento desta metodologia, contou com a colaboração dos diversos membros da equipa de investigação, nas suas diferentes valências, e permitiu obter um retrato de cariz qualitativo da população de mulheres guineenses das regiões de Lisboa e Setúbal. A realização de entrevistas a presidentes e técnicos de associações de imigrantes, profissionais de saúde e da área da magistratura também ajudou a perceber algumas das dinâmicas socioculturais daquelas mulheres.

Esta *avaliação formativa*, incluiu uma análise aos dados dos Censos de 2011, o que permitiu perceber que a população guineense é a mais representada em termos de nacionalidades estrangeiras em Portugal: a Guiné-Bissau, com 89,4% do total das mulheres em idade reprodutiva, oriundas de países onde a mutilação genital feminina (MGF) é praticada. Por outro lado, concluiu-se ainda que é nos distritos de Lisboa e Setúbal que se concentra a esmagadora maioria da população guineense: 89,4%. Foi igualmente possível identificar e contactar informadores/as-chave, maioritariamente através de membros de organizações que intervêm junto das comunidades, o que facilitou a entrada no meio e ajudou a sensibilizar a população-alvo para a realização do estudo.

A *avaliação formativa* permitiu ainda identificar os seguintes elementos, necessários à aplicação da metodologia TLS:

- Área geográfica: alguns municípios dos distritos de Lisboa e Setúbal, com forte presença e concentração de comunidades originárias de países onde a MGF/C é praticada (ainda que o enfoque esteja na população guineense, pelos motivos atrás descritos).
- Pessoas-chave:
 - *Profissionais de saúde* com experiência na detecção e acompanhamento de casos de MGF assinalados em meio hospitalar ou noutras unidades de cuidados de saúde e responsáveis da Direcção-Geral da Saúde, considerados pontos focais da instituição, para as questões da MGF;

- *Técnicos/las representantes e responsáveis de instituições ou associações de imigrantes* onde a MGF seja uma temática trabalhada com as comunidades (MUSQUEBA, AGUINENSO, Solidariedade Imigrante). O trabalho já desenvolvido por estas associações, sobretudo ao nível da sensibilização contra a MGF junto das comunidades, é uma mais-valia para a condução da metodologia proposta, sobretudo ao nível dos eventos que promovem junto da comunidade e aos quais a equipa poderá ter acesso presencial;
- *Mulheres próximas das comunidades onde a MGF é praticada* e que são, igualmente, activistas contra a prática. Estas activistas desenvolvem, regularmente, acções de sensibilização junto das comunidades contra a prática da MGF.
- **Línguas:** no seio da comunidade com que trabalhámos, a guineense, e apesar de a língua portuguesa ser a oficial, verificámos que muitas das mulheres apresentavam algumas dificuldades em expressar-se em português, sendo então o crioulo preferível (na maioria dos casos, necessário).
- **Desafios no acesso à população-alvo:**
 - Como já referido anteriormente, a língua constituiu-se como um obstáculo ao contacto e comunicação com a comunidade guineense. Os contactos com as mulheres desta comunidade, bem como as entrevistas, foram efectuados por membros de uma associação que connosco colabora e que são fluentes no crioulo;
 - O acesso às comunidades provenientes de países onde a MGF é praticada revelou-se difícil, uma vez que são relativamente fechadas a elementos exteriores. O acesso a estas comunidades imigrantes exigiu a colaboração de um elemento que seja próximo da comunidade e com quem os seus membros tivessem relações de confiança. O facto de a MGF ser, em Portugal, alvo de criminalização (ao abrigo do Artigo 144.º do Código Penal) é um factor inibidor da colaboração dos membros dessas comunidades.
- **Locais:** algumas das associações e instituições que connosco colaboraram organizam regularmente eventos (*workshops*, reuniões, acções de sensibilização) sobre a MGF. São eventos abertos ao público em geral e aos quais a equipa de investigação facilmente tem acesso. Estes eventos contam com a participação de mulheres oriundas de países onde a MGF é praticada. Nesta fase da investigação, conseguimos garantir

que a data e hora destes eventos futuros nos seriam comunicados futuramente, não sendo, portanto, naquele momento possível prever o número ou a localização. Para além desses eventos, contávamos ainda com celebrações com elevada afluência destas comunidades (elemento chave para a aplicação da metodologia proposta).

A impossibilidade de recolher toda a informação qualitativa dentro do prazo previsto para a concretização do projecto, uma vez que não ocorreram acontecimentos suficientes junto da população migrante para obter toda a informação necessária que pudesse representar a totalidade do universo, obrigou a seguir uma metodologia mista, com amostragem em bola de neve, que, mesmo não permitindo corrigir quantitativamente a prevalência da MGF em Portugal, possibilitou qualificar social e culturalmente os resultados dos cálculos.

Refira-se ainda que, face à sensibilidade da temática e ao facto de as populações oriundas de países onde a MGF está documentada serem de difícil acesso, para a construção da amostra, teve ainda de recorrer-se a algumas associações que colaboraram no estudo, nomeadamente à AGUINENSO (Associação Guineense de Solidariedade Social) e à Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa, no sentido de solicitar às pessoas que frequentam as respectivas associações para colaborar com os inquiridores e responder ao questionário.

A amostra final, com os questionários validados, ficou constituída por 123 pessoas: 25,9% de estudantes da Guiné Bissau a viver em Portugal; 13,8% de pessoas residentes no Vale de Amoreira e 12,9% de pessoas que recorreram à associação AGUINENSO.

Bibliografia

LISBOA, Manuel; CEREJO, Dalila; TEIXEIRA, Ana Lúcia *et al.* (2015). *Mutilação Genital Feminina em Portugal*. V. N. Famalicão: Húmus.

Esta obra aborda questões metodológicas e epistemológicas cruciais para o desenvolvimento da investigação sociológica actual. Ela traduz um momento de síntese do conhecimento sobre as metodologias no campo da Sociologia e faz uma meta-reflexão a partir dos problemas e soluções encontradas em mais de duas dezenas de investigações empíricas. Inclui estudos com diferentes âmbitos geográficos (nacional, regional e local), centrados na actualidade ou recuando no tempo sempre que necessário, com abordagens metodológicas variadas (qualitativas, quantitativas e mistas) e que recorrem a escalas de observação distintas (macro, meso e micro). Este livro de metodologia não pretende substituir os manuais já existentes, não repetindo as questões aí abordadas. Ele deve ser entendido como um instrumento metodológico complementar, com questões e temáticas que resultam da experiência de pesquisa, na área das Ciências Sociais, de uma ampla e pluridisciplinar equipa de investigação, ao longo dos últimos 25 anos. Ele percorre as principais fases e momentos da pesquisa, esperando-se que constitua um instrumento útil para estudantes, investigadores e investigadoras.



ISBN 978-989-755-223-6



9 789897 552236